NARRADORES CAMPONESES DE ITAPORÉ A CORONEL MURTA: Vale do Jequitinhonha / MG

Aureliane Aparecida de Araújo[1]
Higino Pedro Filho[2]
Tomé Francisco Chicombo[3]

Recebido em: 08/2021
Aprovado em: 09/2021

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de compreender vivências complexas através das narrativas dos sujeitos que guardam identidades e trajetórias no espaço rural do médio Jequitinhonha/MG. Por meio da história oral, as lembranças dos idosos revisitam o viço das plantas espinhentas, a resistência e o sentimento de pertença com o lugar. Da investigação proposta, partindo da história oral, surgem contradições, lutas cotidianas e experiências de vidas nas quais a natureza parece ser a parceira desejável à sobrevivência. Nessa perspectiva, aliam silêncios demorados às histórias interrompidas com olhares fundamentados em fragilidades socioeconômicas. Para isso, a pesquisa qualitativa envolveu, de certo modo, o processo de imersão na busca da compreensão dos homens que viveram do garimpo com mulheres camponesas de costumes e crenças, construídos em meio a percepções, olhares que até mesmo transcendem ao real.

Palavras-chave: Semiárido, Memórias, Tradições.

PEASANT NARRATORS FROM ITAPORÉ TO CORONEL MURTA: Vale do Jequitinhonha / MG

ABSTRACT

This work aims to understand complex experiences through the narratives of subjects who keep identities and trajectories in the medium rural space in Jequitinhonha / MG. Through oral history, the memories of the elderly bring out the vigor of the thorny plants, the resistance and the feeling of belonging to the place. From the proposed investigation, starting from oral history, emerge contradictions, everyday struggles and life experiences in which nature seems to be the desirable partner for survival. In this perspective, they combine lengthy silences with stories interrupted with views rooted in socioeconomic frailties. For this, a qualitative research involved the process of immersion in the search for the understanding of the man

[1] Doutoranda em Geografia no Programa de Tratamento Informação Espacial da Puc - Minas. Professora de Geografia do Instituto Federal do Norte de Minas - IFNMG.
[2] Chapadeiro de Olhos D'água-Coronel Murta- autor do livro: "A Lenda-Cartas do Jequitinhonha".
[3] Doutorando em Geografia no Programa de Tratamento Informação Espacial da Puc - Minas. Professor do Instituto Superior Politécnico de Gaza – Moçambique.

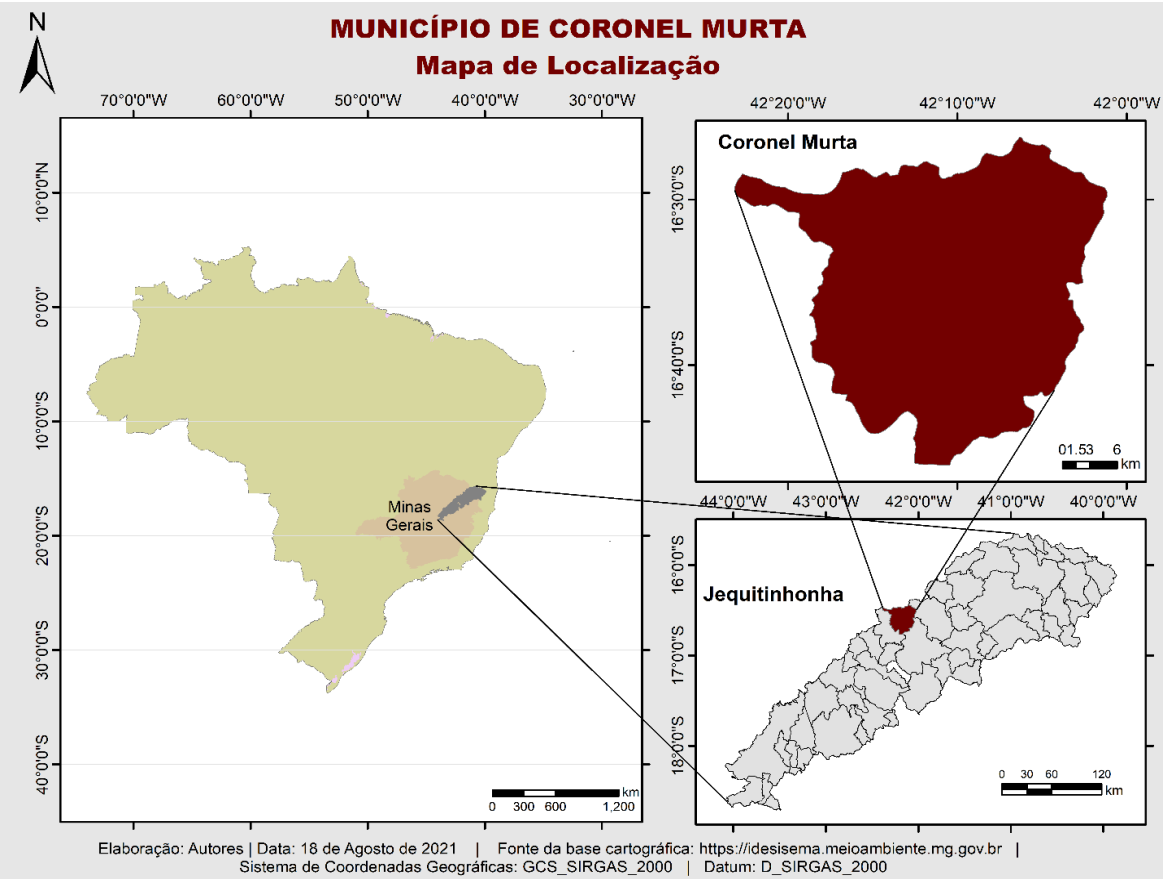
who lived from the mining and, at the same time, from the woman nurturing peasant fantasies and beliefs, built amidst perceptions that can transcend the real.

Keywords: Semiarid, Memories, Traditions.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é interpretar narrativas de populações idosas que vivem na beira do rio Jequitinhonha e, ainda assim, lutam pelo acesso à água no semiárido. Não é raro encontrar trabalhadores rurais expropriados das condições sanitárias básicas ao longo de suas existências. Como se não bastasse a convivência com as limitações do dia a dia, o isolamento dos idosos nas comunidades, pode, por vezes, limitar a escuta das ricas experiências de cada indivíduo. O emprego da história oral contempla percepções e saberes dos camponeses destituídos ao longo de décadas do domínio da escrita. Para os entrevistados, o espaço vivido é também o ambiente que flerta com o simbolismo do garimpo, com a expectativa de escutar outras histórias de quem teve a sorte de realizar a ruptura da condição social. O município de Coronel Murta (figura 1), no período que antecedeu a sua emancipação, recebeu o nome de Itaporé.

Figura 1: Mapa de localização de Coronel Murta

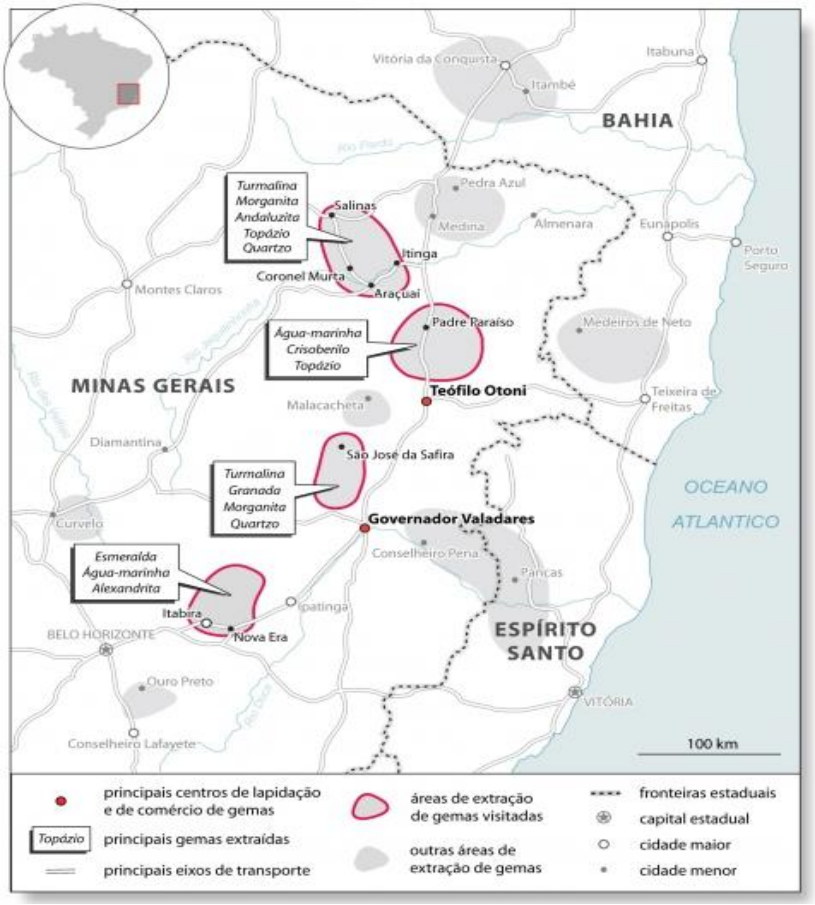


Elaboração: Autores

O município possui tradição na exploração de gemas coradas disputadas no circuito internacional pelos colecionadores. Além de Coronel Murta, outros municípios do Médio Jequitinhonha integram o distrito pegmatito de Araçuai, sendo eles Araçuaí, Virgem da Lapa,

Itinga, Salinas e Rubelita segundo Cornejo e Bartorelli (2010). A figura 2 apresenta alguns dos municípios produtores de gemas coradas.

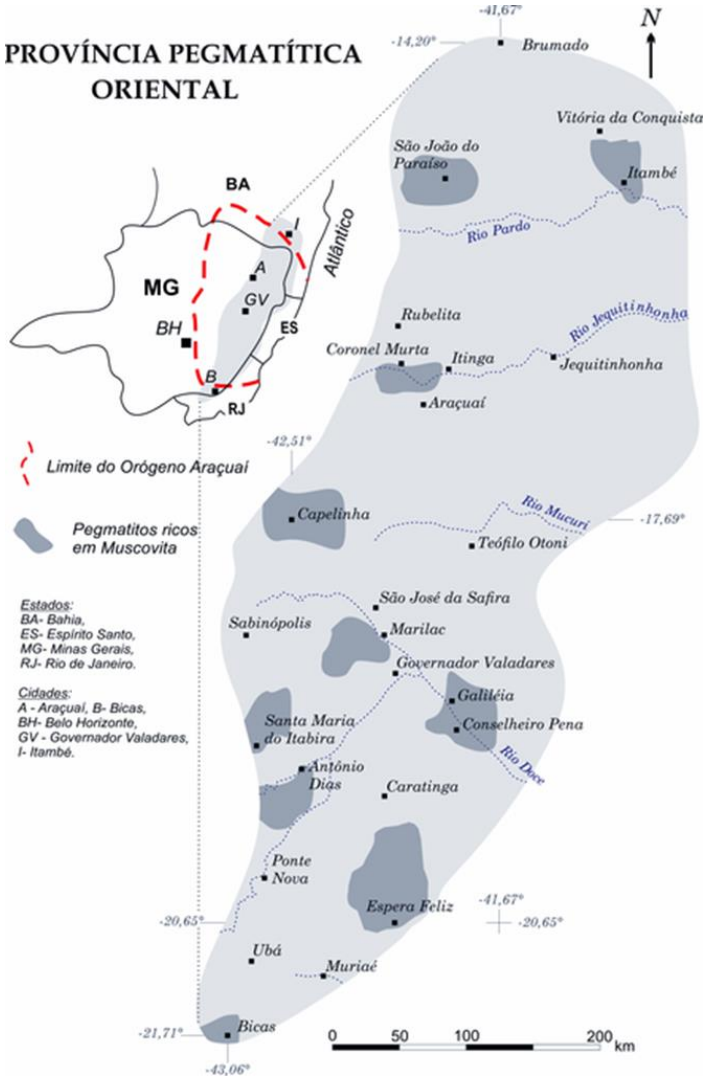
Figura 2: Mapa de gemas coradas



Fonte: http://recursomineralmg.codemge.com.br/substancias-minerais/recursos-industria-farmaceutica/#Correia_Neves_1997

O Vale de Jequitinhonha apresenta especificidades históricas engendradas em pompas garimpeiras que transitam dos raros diamantes até gemas disputadas por colecionadores de águas marinhas, turmalinas bicolores e outras gemas raras. O cenário ambivalente expõe de um lado a fortuna extraída do seu subsolo, de outro a miséria dos que ficam com muito pouco, considerando os sonhos e realidade. A resposta ambiental, social e cultural não tem sido prioridade de alguns dos sujeitos que enriquecem explorando jazidas minerárias da região. A pertinência em realizar a pesquisa está na abordagem das potencialidades de um conjunto de gemas coloridas reconhecidos internacionalmente pela sua diversidade e preciosidade. Na província pegmatítica oriental (figura 3), estão inseridas as belezas e potencialidades do Orógeno Araçuaí.

Figura 3: Mapa da Província Pegmatítica Oriental



Fonte: http://recursomineralmg.codemge.com.br/substancias-minerais/recursos-industria-farmaceutica/#Correia_Neves_1997

Neste cenário, promissor às vezes, os garimpeiros podem ser também pequenos agricultores, artesãos ou ainda narradores de experiências fundamentadas no trabalho e nas vivências. Não obstante, as expectativas tecidas com o ambiente, no semiárido do médio Jequitinhonha, o desenvolvimento desigual transforma em dilema as garantias mínimas da segurança econômica. Harvey chama atenção para essas contradições:

> Mas que tipo de mundo estamos inseridos? Sabemos que é um mundo cheio de contradições, de múltiplos posicionamentos, de voos necessários da imaginação traduzidos em diversos campos de ação, mundo de desenvolvimentos geográficos desiguais e de significados e aspirações fortemente contestados (HARVEY, 2004, p. 305).

A ambivalência ecoa mais forte, de um lado há o sentimento de pertencimento e identificação, de outro, a carência de água potável nos lares, revela intempéries da sociedade, sobretudo, as populações em idade mais avançada. No espaço rural de Coronel Murta as

carências atingem as populações longevas, portanto, uma das possíveis maneiras de contestar o vazio das políticas públicas é registrar os anseios dos indivíduos. Nesta perspectiva da lógica imaginativa, o contato abrupto com a realidade pode consistir em um dos possíveis caminhos no esforço de preservar memórias.

2. DISCUSSÃO

Desta feita, o presente estudo visa ampliar o debate acerca da importância do acolhimento das populações rurais que vivem no semiárido. A experiência de entrevistar o casal que vive na beira do rio e, ainda assim, enfrenta dificuldades de acesso à água potável é apenas uma das facetas das múltiplas carências identificadas no ambiente. Talvez a ida de pessoas ao lugar, estabelecendo trocas afetivas através da escuta, represente uma ação contribuitiva aos idosos camponeses. O esforço em compreender as muitas limitações socioambientais pode convergir em importantes orientações, fruto do diálogo responsável com a velhice. Considerando o risco em perder saberes, validar narrativas levam a uma melhor compreensão dos diversos dilemas a serem enfrentados por sociedades imediatistas que, de certo modo, negligenciam suas histórias.

2.1. O SEMIÁRIDO

No clima tropical semiárido, conforme Ayoade (2012, p. 259), “o volume de chuvas além de ser muito pequeno, também é muito aleatório”. Além da irregularidade das precipitações, os índices pluviométricos são modestos, e raramente atingem o volume de 750 mm ao ano. Considerando as condições térmicas, as médias giram em torno dos 25°C durante praticamente todo o ano. A paisagem singular ao longo do período seco assume a tonalidade cinza, em uma resistência a escassez de água. Entende-se assim que a deciduidade das folhas é a forma de sobrevivência da maioria das espécies vegetais. Na perspectiva de AB’Saber:

> Vegetação quase totalmente caducifólia-cinza-calcinada nos meses secos, exuberantemente verde nos chuvosos, com algumas intrusões de pleno xerofitismo, representado por diversas espécies ou comunidades de cactáceas: mandacarus, coroas-de-frade, facheiros, xique-xiques e outros cardos alastrantes. Uma flora constituída por espécies dotadas de longa história de adaptação ao calor e à secura, incapaz de restaurar-se sob o mesmo padrão de agrupamento, após escarificações mecânicas de seu suporte edáfico (AB’ SABER, 1999, p. 06).

A combinação ambiental fundamentada nos solos rasos repercute no desenvolvimento das espécies, também atreladas às condições geológicas, na maioria das vezes, caracterizada pelas formações graníticas. Partindo da análise da paisagem, as características dos solos

vinculam-se excepcionalmente aos ambientes secos. E neles, as rochas passam por processos naturais conhecidos por intemperismo, em escala temporal para além da existência humana. Daí a importância histórica e social do sujeito que conhece a fundo o semiárido, observando as potencialidades e respeitando as fragilidades do ambiente.

Desta feita, é preciso pensar estratégias de convivência com o semiárido, de modo que a população idosa receba o justo amparo, representado pelo acompanhamento técnico e profissional, na concepção da troca de saberes. Ou seja, no espaço rural do semiárido as contradições vão além da seca, sendo, sobretudo, fruto da concentração de renda.

Considerando a riqueza explorada no subsolo de Coronel Murta, ainda há uma brutal distância entre as condições de vida desejáveis e a realidade do semiárido. De qualquer forma, nossa análise parte da premissa de que "o semiárido brasileiro não é apenas clima, vegetação, solo, sol ou água. É povo, música, festa, arte, religião, política, história. É processo social. Não se pode compreendê-lo de um ângulo só" (MALVEZZI, 2007, p. 09). É neste sentido que surge a necessidade de cooptar ações capazes de contemplar também a sociedade civil, ainda que para isso seja necessária a proposição de inserir redes de apoio às populações mais isoladas. Nas palavras de Teixeira:

> Assim, as negociações políticas direcionam seus argumentos rumo a uma infraestrutura adequada adaptada ao clima semiárido baseado em conhecimentos tradicionais no manejo com este meio ambiente. No bojo destas negociações, os novos atores políticos desenvolvem a linha argumentativa associando a distribuição do conhecimento de técnicas agrícolas adequadas ao meio ambiente com as infraestruturas apropriadas com aquele ecossistema. Ao associar estas duas medidas, seria possível diminuir a vulnerabilidade dos grupos sociais desprivilegiados daquela região (TEIXEIRA, 2016, p. 775).

Dentre as possibilidades de construir caminhos, reforçados para assegurar a permanência dos indivíduos no seu lugar, uma delas está em conhecer o campo de atuação de entidades como a Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA). Ações do tipo podem e devem representar uma via de acesso e mobilização estratégica que inclua o questionamento da situação, convertendo-se em uma maior visibilidade dos sujeitos. Trata-se de estabelecer de modo mais efetivo a integração de conhecimentos fundamentados no envolvimento da sociedade civil. No processo de circulação por comunidades rurais em Coronel Murta identificou-se a importância das cisternas, enquanto estratégia de acesso ao uso de tecnologia social de baixo custo. A medida consegue fazer a diferença na vida dos moradores do semiárido, mas ainda há muito a ser realizado. A cisterna, isoladamente, não elimina outra situação que ainda deve ser combatido com maior eficácia, o acesso à água potável e de qualidade nas moradias. Conforme, Silva, *et al*. (2021):

> O cardápio de técnicas de abastecimento disponíveis para determinado local é, de certo modo, restrito. Depende de capacidades institucionais, características próprias do ambiente, saber local, redes de cooperação e experiência no uso de técnicas. A combinação dessas variáveis delimita, em cada território do Semiárido, as técnicas que permitem aos agricultores "combater" ou "conviver" com a seca (SILVA, *et al*., 2020, p. 08).

Contudo, buscar caminhos e somar estratégias voltadas à convivência efetiva com o semiárido, passa por um longo exercício que se inicia com a valorização dos saberes locais, convergindo entre a criatividade dos sujeitos que se inicia com a valorização dos saberes locais e as políticas públicas. Mediante a capacidade dos indivíduos de resistir dificuldades socioambientais e permanecer na zona rural, torna-se essencial também acessar as Organizações Não Governamentais (ONG's), instituições dotadas de aparato técnico, apesar das deficiências envolvendo políticas públicas inclusivas. Através de vínculos estabelecidos com a comunidade, a criatividade dos indivíduos pode ser aproveitada, considerando sugestões de ideias que subsidiem decisões na implementação de ações. Essas decisões podem ser compartilhadas por meio dos registros da história oral da comunidade. A perspectiva da convivência com o semiárido, segundo Silva (2003, p. 378):

> Requer e implica um processo cultural, de educação, de uma nova aprendizagem sobre o meio ambiente, dos seus limites e potencialidades, a constituição de novas formas de pensar, sentir e agir conforme o ambiente em que se está inserido. É importante compreender as dimensões geofísica, social, econômica, política e cultural do semiárido (SILVA, 2003, p. 378).

Esta abordagem, segundo o autor, depende de um processo participativo da população local contribuindo no resgate e na construção cultural de alternativas apropriadas aos ecossistemas. Desta forma, torna-se premente escutar narrativas dos moradores das longínquas casas, dos rincões esquecidos do médio Jequitinhonha. Lá, vivem sujeitos em meio contradições de ambientes vivificados pelo rio e, em simultâneo, agredidos pela fragilidade social e econômica. Muitas são as carências, de certo modo, amplificadas com o avanço da idade. As pedras multiformes que constituem o cenário, ao longo do rio de Jequitinhonha, dão a base etimológica ao nome Itaporé, na junção do prefixo "ita", pedra, com "poré", rio encachoeirado, traduzido da linguagem indígena como "Cachoeira de Pedra".

Uma das principais estratégias da convivência, segundo Conti (2013, p. 21), "reside na produção e na estocagem e uso racional de bens em períodos chuvosos para utilizá-los em tempos de escassez de chuvas, em que a água é um desses bens" como mostra a figura 4.

Figura 4: Vasilhames de barro armazenando água

Foto: autores

A paisagem do semiárido denuncia a irregularidade das precipitações. Plantas nativas, nas suas diversas espécies, suportam a estiagem, por vezes, demorada. O desafio está em estabelecer a visibilidade das práticas socioculturais das populações que demandam maior atenção, e, em simultâneo, encontram-se deslocadas desta sociedade moderna.

2.2. MEMÓRIAS

Por intermédio das narrativas dos idosos, relatos vigorosos se descortinam na presença de indivíduos envolvidos com o processo de escuta e, portanto, estimulando o avanço da comunicação entre gerações. Assim, comenta Brandão:

> É que, uma vez escrito, um fato se fixa, como se tecnicamente a escrita vencesse a memória, pois, culturalmente, o que está registrado e pode ser visto não precisa mais ser lembrado para não se perder. No entanto, a mesma escrita que pretensamente retém o registro verdadeiro dos fatos, e pode ser reproduzida mil vezes a partir de uma forma primeira, guardando em todas elas a pureza original da forma de sua matriz, fixa-se, por isso mesmo (BRANDÃO, 1998, p. 37).

É logo ali, numa área conhecida por "Cachoeirão", após o Jequitinhonha fazer uma curva em um ângulo de 90º pouco abaixo da confluência do ribeirão Salinas com o potente Jequitinhonha, já beirando os limites com o município de Virgem da Lapa. Do outro lado do rio, fica o distrito de Barra de Salinas, em uma das áreas mais promissoras em garimpo de gemas coradas no médio Jequitinhonha. Tão perto dos nossos recursos e tão longe do olhar de quem os deveria acolher.

Nos caminhos do semiárido, no espaço rural da antiga Itaporé, a estrada batida de terra solta, que passa espremida entre serras e chapadões, leva-nos a um casal quase centenário. A Dona Edite e Sr. Waldomiro, 74 e 84 anos respectivamente, moradores ribeirinhos desde sempre. Ao contrário do que possa parecer aos olhos, a abundância em água no curso encachoeirado, não representa acesso à água potável no interior da pequena moradia. Contrapondo a escassez de água, o fogão a lenha, caiado com tabatinga, simboliza a tradição em manter conversas também aquecidas pelo crepitar da madeira. Ao falar sobre a sua família (figura 5), tem-se a dimensão do quanto pode ser difícil ou sutil a percepção das lutas alheias.

Figura 5: Dona Edith e Sr. Waldomiro

Foto: autores

Gradualmente, a pequena "Barranqueira", de corpo frágil e olhar acolhedor, descortina suas memórias ao relatar-me as razões da perda de cinco dos seus onze filhos. "Onze partos caseiros, minha filha, sempre uma dor aguda na *escadeira*. Parecia até mesmo com a dor de

uma facada", disse ela. No decorrer da conversa, ela se agiganta, diante do risco de ter tido todos os partos sozinha, em casa. Ao reparar com mais atenção aquela mulher expressiva de corpo franzino, dei-me conta da necessidade de ouvir e, sobretudo, dar voz aos idosos. Na visão dela, era uma sorte que todos os partos ocorriam ao entardecer, visto que, ela poderia enviar um dos seus filhos para pedir auxílio da sua mãe ou também de modo mais raro a uma vizinha mais próxima.

Ao escutar as narrativas do Sr. Waldomiro, de imediato surge o brilho de um precioso diamante encontrado bem no centro da faisqueira, lavada do farto cascalho do rio. Visitar a memória trouxe esperança àquele olhar. O entusiasmo tomou conta do ambiente e, em seguida detalhes sobre túneis percorridos para obter gemas coloridas disputadas por colecionadores, fizeram aquele homem voltar no tempo. Tempo de "cascalho virgem", de pedras imensas e sonhos perseguidos. O repertório evidenciou o fascínio que o rio e suas riquezas propiciaram aos antigos garimpeiros. "Causos" de diamantes imensos e gemas de perder o fôlego. Pela descrição, as pedras encontradas no Jequitinhonha, poderiam ter modificado as condições sociais e econômicas da família. Ao ser perguntado sobre a sorte em encontrar outro grande diamante, sua resposta deixa claro que o rio nem sempre compactua com o sonho do garimpeiro. "Do tamanho de uma unha do polegar, nunca mais vejo", decreta o velho sonhador. Quer seja nos túneis das zonas rurais, quer seja no rio, o garimpeiro vive encantado com a possibilidade de mudar de vida.

2.3. HISTÓRIA ORAL

O ato de narrar histórias consiste em estabelecer reflexões que representam lições de vida fundamentadas nas vivências do outro. Se a história é ouvida e reproduzida, os detalhes são fixos na memória que promove interpretações, bem como interações diversas entre indivíduos e a comunidade. Contudo, a prática de escutar as histórias dos idosos nas comunidades rurais, tem, gradualmente, perdido notoriedade. Entender como se configuram as vivências no semiárido implica em respeitar as condições naturais e depositar expectativas nas possibilidades de se permanecer no lugar. De acordo com Benjamin, "a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos" (BENJAMIN, 1987, p. 198).

Não é fácil assimilar as circunstâncias fatais que levaram a óbito, cinco dos seus onze filhos, conforme relatou a narradora. Dentre as possíveis explicações em busca de

compreender a causa das enfermidades letais, ela narrou o que pode ser interpretado como o difícil acesso às políticas públicas que alcance a todos nos mais diversos lugares. Mencionou ainda a crendice em uma espécie de "mal-olhado", lançado por algum desafeto passado que poderia ter a força de desencadear desde uma "dor nas juntas" até uma perda maior, que seria a própria vida. Para Amado, "toda narrativa, no entanto, possui uma dose, maior ou menor, de criação, invenção, fabulação, isto é: uma dose de ficção" (AMADO, 1995, p. 134).

Por outro lado, trata-se inegavelmente de reconhecer as potencialidades das crenças, carregadas de muita emoção. Seria um erro, porém, atribuir dúvidas ao escutar tais relatos, considerando que as pessoas que ali estão, dispõem dos saberem legítimos e, sobretudo, essenciais ao processo de resgate e preservação da cultura dos povos do Vale de Jequitinhonha. Assim, reveste-se de particular importância apropriar dos costumes e dos saberes ao atentar às especificidades inerentes a esse espaço rico, viçoso e plural.

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para esmiuçar a pesquisa está pautada na história oral, que consiste no ato de ir a campo e entrevistar, em momentos distintos, os sujeitos com suas vivências e experiências. Ao escutar os acontecimentos, muitas vezes carregados de nostalgia, nota-se a importância em conceder visibilidade aos sujeitos que nem sempre são lembrados como protagonistas dos fatos na história oficial. Neste caso, a história vai ganhando contornos densos, marcados pela subjetividade. Então, surgem mosaicos de elementos que integrarão, posteriormente, textos mais amplos, passíveis de estudos mais acurados. De certa maneira, ao contemplar a história oral, as narrativas evocam universos repletos de especificidades no que tange as relações do homem com o lugar.

> Assim, o padrão de conduta de uma entrevista inclui também a participação do entrevistador, que deve se adequar ao ritmo do entrevistado, procurando não interromper o curso de seu pensamento, acompanhando seu discurso ao formular perguntas, reformulando suas próprias ideias a partir daquilo que lhe é relatado, enfim, procurando ajustar o diálogo com base nos dados que lhe fornece o entrevistado a respeito de si mesmo e de suas limitações. É o entrevistado, então, que imprime o tom da entrevista e cabe ao entrevistador aprender seu estilo para adequar seu próprio desempenho àquela relação especifica (ALBERTI, 2005, p. 102-103).

Estabelece-se aí, uma relação entre o ouvinte e o narrador, visto que tal elo pode proporcionar benefícios para ambos. Trata-se, inegavelmente, da formação de uma rede capaz de salvaguardar memórias, sobretudo, do homem com o rio. Este, que ora segue firme em traçados retilíneos, ora segue serpenteando o vale em busca do mar. O rio Jequitinhonha tem sido considerado como definidor da região. Em âmbitos geográficos e culturais a identidade

"etnogeográfica" revela-se diante do olhar do observador atento. A pesquisa não se trata de uma incursão isolada no espaço rural de Coronel Murta. Ao contrário, no início do ano de 2020 as incursões ao espaço rural se intensificaram em virtude da leitura do livro "A Lenda – Cartas do Jequitinhonha". O livro trata das narrativas de indivíduos que viveram nos chapadões semiáridos da Comunidade de Olhos d'Água, próximo ao distrito de Ouro Fino, no município de Coronel Murta.

A proximidade com o rio Jequitinhonha, não exime a população idosa de enfrentar dificuldades no acesso a água potável, necessidade característica da região. Por intermédio da concepção do espaço vivido, nota-se um apego às tradições dos garimpos artesanais, nas distintas áreas rurais do município. Nesta perspectiva, buscou-se interpretar o modo de vida dos sujeitos que vivem nas áreas garimpeiras próximas ao rio Jequitinhonha, em uma localidade denominada "Cachoeirão", recorrendo às memórias do lugar.

Diante da perspectiva de compreender suas vivências, histórias e conhecimentos foram realizadas entrevistas abertas com um casal idoso. Partindo do diálogo com os narradores, durante todo dia, gradualmente a pesquisa foi sendo realizada. Não foi um processo imediato. Foram entrevistas abertas realizadas no quintal, após muitos cafés e acolhimento recíproco no dia 19 de fevereiro de 2020. Assim, deslocamos por alguns momentos após o almoço e fizemos a primeira redação das narrativas, nas imediações do Cachoeirão. Somente ao anoitecer, deixamos a enriquecedora companhia do casal, e em casa realizamos correções, acrescentando maiores detalhes identificados na entrevista.

4. RESULTADOS

Aos idosos que ali vivem (figura 5), se fazem necessárias políticas públicas justas para assegurar a sua permanência naquele espaço, com o devido cuidado e atenção que a idade requer. É salutar propiciar-lhes esse acesso de forma que não percam a esperança, e que os saberes alcancem as futuras gerações. Sob essa perspectiva, ganha particular relevância atentar para as especificidades inerentes aos camponeses idosos. É notório o misticismo que permeia o imaginário do casal, chegando ela a dizer que a simples visita de pessoas poderia trazer bonança ou escassez. Para além de discutir as fragilidades causadoras das mortes de cinco jovens em uma família da zona rural, está a necessidade de trazer a elas, o amparo emocional. De fato, urge repensar e fortalecer ações de assistência social, bem como, estratégias de convivência com o semiárido. O camponês idoso guarda em si, memórias de

suas experiências ancestrais. Logo, o mesmo necessita de melhor atendimento, realizado por profissionais que conheçam e respeitam sua historicidade.

Figura 6: Dona Edith narrando suas memórias

Foto: Autores

À medida que criamos redes de solidariedade para escutar, registrar, valorizar e repassar os conhecimentos e vivências dos idosos, vislumbra-se ampliar vínculos entre o lugar e as novas gerações. As populações idosas resistem bravamente no meio rural e carregam em si experiências de resistência análogas às espécies vegetais da Caatinga. No bioma supracitado, as plantas permanecem firmes, sem folhas em um longo período de estiagem. Assim sendo, elas apresentam papel essencial na composição da biodiversidade local. Destarte, podemos relatar as rudes vivências dos pequenos produtores da antiga Itaporé. As lidas na zona rural representam, também, limitações ao acesso à água e ainda flertam com o encanto das gemas preciosas que decoram aquele subsolo e alimentam a esperança de um "bamburro".

Cabe mencionar que, no decorrer das gerações, os filetes de água, córregos e nascentes vão se perdendo em virtude das alterações diversas processadas em distintas escalas. Ventila-se que as modificações poderiam estar vinculadas ao avanço da monocultura do eucalipto, construção de grandes barragens ou mais especificamente na fragilidade da implementação de

políticas públicas efetivas de conservação de nascentes. Neste caso, as limitações gradativas ao uso da água tornam-se um ponto de enfrentamento no intuito de repensar a qualidade de vida das comunidades rurais. Como fortalecer a política de construção de cisternas cujo objetivo é aproveitar águas pluviais como fizeram em governos passados? Ou ainda como desenvolver novas tecnologias sociais?

Outro ponto que deve ser mencionado está atrelado aos elos tecidos historicamente com atividades garimpeiras. As práticas garimpeiras artesanais, ao longo de décadas, desenvolveu narrativas epopeicas acerca da rara turmalina bicolor, das águas marinhas bem azuladas ou ainda dos diamantes rolados pelo rio Jequitinhonha. Sim, o garimpo representa a relação simbólica com a possibilidade repentina de prosperidade. Ainda que ela jamais ocorra nos moldes dos padrões mercadológicos pré-estabelecidos, entende-se que não se deve, por exemplo, furtar os sonhos dos indivíduos, especialmente quando se trata de sujeitos capazes de interpretar o espaço para além das atividades laborais.

Os sujeitos sentem-se como árvores com profundas raízes fincadas naquele solo. A maioria deles carregam costumes, fruto das primeiras incursões na ocupação dos vales e boqueirões nos sertões do Jequitinhonha. O espaço vivido é o local das relações afetivas e, portanto, é através do uso da terra que se processa a condição produtiva decisiva à subsistência familiar. Posto isto, nota-se que cada quinhão de terra consiste, para o idoso, não apenas na garantia da soberania alimentar, mas também no saber carregado de relações simbólicas. Neste contexto, faz-se necessário uma atenção no sentido de preservar suas memórias e práticas reproduzidas pelas gerações, dentre elas, as histórias de grandes diamantes retirados do cascalho do rio, gemas tantas de encher “buracas” e magníficas de encher os olhos. Nos quintais, percebe-se a valorização da medicina alternativa e se escuta deles o modo e a “ciência” na coleta dos remédios na mata.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazer à tona as narrativas garimpeiras, práticas, costumes e tradições empregadas por parteiras, rezadeiras e raizeiros representam caminhos para salvaguardar a identidade regional. Há muitas “donas Edites” com relatos densos aguardando um certo acalento por alguém que escute suas vivências e sinta a fortaleza do seu falar. Então, o papel da história oral está na visualização e na descoberta das sutilezas contidas nas histórias de vidas, contadas de geração em geração. O mais belo está no processo de compreensão da complexidade de cada sujeito, o quanto se pode e deve aprender com cada fato relatado. Não se pode negar de

modo algum os direitos e estatutos que amparam as populações idosas, embora, na prática, existam lacunas fundamentadas em negligências, e, portanto, estas os distanciam das condições desejáveis, especialmente no tocante ao acesso e atendimento à saúde.

Todavia, o cerne da questão está em visibilizar o idoso. Para tanto, entende-se, que o processo de captação de imagens dos sujeitos representa uma estratégia de valorização das suas histórias. Não há dúvidas quanto ao enorme potencial da fotografia no processo de valoração e identidade dos sujeitos. Todavia, para avançar na busca de outras estratégias é preciso juntar ações. Vale ressaltar que as propostas de registrar enredos, enaltecem experiências de vidas e representam em simultâneo, benefícios para ambas as gerações. Ademais, os relatos registrados podem e devem sinalizar a necessidade de políticas públicas que alcancem esses sujeitos nas suas especificidades.

Cabe mencionar que contos e causos, habilmente descritos em "rodas de conversas familiares", desdobravam, tanto na capacidade criativa dos sujeitos, bem como no fomento do imaginário dos mesmos. Sendo assim, o fator esperança tem sido condição basilar para a permanência dos idosos na zona rural. A esperança torna-se neste contexto, uma oportunidade de resgatar e vivenciar a memória afetiva dos sujeitos, sua historicidade e saberes. Vislumbra-se, deste modo, interpretar as múltiplas facetas das experiências narradas pelos idosos, visto que elementos distintos ganham contornos significativos, intrínsecos às especificidades regionais. Compreender a tradição dos indivíduos implica em reconhecer crenças, ainda que as mesmas abarquem o poder dos feitiços, e, portanto, justifique situações de "maus agouros". Desta feita, suscita-se obter a chave da boa comunicação e, sobretudo, o caminho do acolhimento recíproco no processo co-participe do resgate de memórias.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, A.N. Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida . **Estudos Avançados**, vol. 13, n. 36, p. 6-59, 1999.

ALBERTI, V. **Ouvir contar : Textos em História Oral**. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004. 196p.

AMADO, J. O grande mentiroso: Tradição, Veracidade e Imaginação em História Oral. **História**. São Paulo: v. 14, n. 5, p. 125-136, 1995.

AYOADE, J.O. **Introdução a climatologia para os trópicos**. 16. ed. Rio de Janeiro:

Bertrand Brasil, 2012. 332 p.

BENJAMIN, W. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BRANDÃO, C.R. **Memória sertão**. 1. Ed. Uberaba: Cone Sul, 1998. 307 p.

CONTI, I.L. (org); SCHROEDER, E.O (org). **Estratégias de Convivência Como o semiárido Brasileiro**. Brasília (Distrito Federal), 2013. Disponível em: https://www.terrabrasilis.org.br/ecotecadigital/images/abook/pdf/1sem2015/fevereiro/Fev.15.17.pdf.pdf. Acesso em: 20 Ago. 2021. ISBN: 978-85-64478-21-3.

CORNEJO, C.; BARTORELLI, A. **Minerais e pedras preciosas do Brasil**. São Paulo: Solaris Edições Culturais, 2010. 704 p.

HARVEY, D. **Espaços de Esperança**. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004. 384 p.

PEDRO FILHO, Higino, **A Lenda: Cartas do Jequitinhonha**. 1. Ed. São Paulo: Clube de Autores, 2009.137 p.

MALVEZZI, R. **Semiárido: uma visão holística**. Brasilia (Confea), 2007. Disponível em: https://www.agrisustentavel.com/doc/ebooks/semiarido.pdf . Acesso em: 22 Ago. 2021.

RECURSOS MINERAIS DE MINAS GERAIS (RMMG). Disponível em: http://recursomineralmg.codemge.com.br/substancias-minerais/recursos-industria-farmaceutica/#Correia_Neves_1997. Acesso em: 16 Ago. 2021.

SILVA, J.L. *et al*. As secas no Jequitinhonha: demandas, técnicas e custos do abastecimento no semiárido de Minas Gerais. **Revista brasileira de estudos urbanos**, São Paulo, v. 22, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202013. Acesso em: 19 Ago. 2021.

SILVA, R.M.A. Entre Dois Paradigmas: Combate à Seca e Convivência com o Semiárido. **Sociedade e Estado, Brasília**, v. 18, n. 1-2, p. 361-385, 2003.

TEIXEIRA, M.N. O sertão semiárido. Uma relação de sociedade e natureza numa dinâmica de organização social do espaço**. Sociedade e Estado**, v. 31, n. 3, p.769-797, 2016.

ENDEREÇO DOS AUTORES

Aureliane Aparecida de Araújo
E-mail: aureliane.ifnmg@gmail.com

Higino Pedro Filho
E-mail: higinopedrofilho@gmail.com

Tomé Francisco Chicombo
E-mail: tchicombo@gmail.com